

ABGAR RENAULT

POEMAS INGLESES DE GUERRA

Nota Prévia da 1ª Edição (1942)

Alguns amigos (entre muitos) de Abgar Renault quiseram salvar do jornal, ou do arquivamento que este implica, os poemas que ele trouxe para o português e que refletem a atitude da alma inglesa em face da guerra; daí este livro.

Rigorosamente, Abgar não traduziu os poemas; fê-los de novo. Têm a serenidade, a compassada beleza, o sentimento sutil da língua, que há na poesia do nosso caro e esquivo poeta. Entretanto, são também ingleses, e são principalmente poesia, isto é, mensagem de homem para homens. Embora tragam a denominação da ilha de origem, eles contam o trabalho, a melancolia, a coragem e a perseverança do homem, de qualquer homem, posto diante da vida em crise. E o que esse homem comum não pode exprimir, o poeta, mercê de sua aliança com as palavras, e por via de um secreto maquinismo, nos apresenta sob a espécie de um concentrado e patético lirismo, não apenas inglês, mas universal e humano.

Abgar Renault fez bem em captar essas vozes graves e límpidas, emergindo do rumor de metralhadoras, aviões de mergulho e discursos de propaganda. Elas nos confortam e nos determinam. Realmente, o poeta não tem partido. Mas os partidos, como se sabe, perderam toda significação, de tal modo foram superados pelos acontecimentos. Entre estes, e resistindo à pressão de todas as forças desmoralizadoras, chamem-se de fascismo ou qualquer outro nome, o poeta é um guia firme, que dá gosto seguir. Ele nos salva das pequenas e grandes confusões do momento, nos tira a perplexidade, varre de nós ao mesmo tempo o otimismo e pessimismo circunstanciais. Ensina-nos a considerar a guerra e mesmo dela participar, sem que nos tornemos simples instrumentos de economias em luta; e exige de nós apenas que sejamos realmente solidários com as coisas que amamos:

“as coisas simples pelas quais os homens morrem.”

Carlos Drummond de Andrade

Laurence Binyon
PELOS QUE TOMBARAM
(1914)

Com altiva gratidão de uma mãe a seus filhos,
chora a Inglaterra os que morreram além mar.
Carne da sua carne e sangue do seu sangue,
tombaram pela liberdade a pelejar.

Vibra, grave, o tambor: a Morte, augusta e real,
aos astros imortais ergue a dor do seu canto.
Há música por entre essa desolação,
e uma glória refulge em meio ao nosso pranto.

Foram para a batalha a cantar; eram jovens,
rijos de corpo, leais de olhar, firmes e ardentes.
Foram fiéis até o fim em lutas desiguais,
e tombaram fitando o inimigo de frente.

Não envelhecerão, quando nós, que ficamos,
formos velhos: o tempo os não fatigará
e nem condenará. De manhã e ao sol poente,
o nosso coração todos recordará.

Não se unem mais a seus alegres companheiros;
de seus lares à mesa amiga não se assentam,
nem tomam parte nos labores costumeiros:
estão dormindo além das névoas da Inglaterra.

Mas onde vivem nosso anseio e fé mais funda
— oculta fonte que se sente e não se vê —
sua terra os conhece em ternura profunda,
como a noite conhece a todas as estrelas.

Como as estrelas que, quando nós formos pó,
na planície do céu, rondando, brilharão,
e à hora da nossa treva ainda são as estrelas,
até o fim, até o fim, eles continuarão.

Rupert Brooke
FRAGMENTO
(abril, 1915)

Esta noite vaguei uma hora no convés,
por sob um céu nublado e sem lua, e, espiando
pelas janelas, vi meus amigos à mesa,
ou jogando, ou de pé na entrada, ou caminhando
para a treva. Nenhum, porém, podia ver-me.
Neles (dentro de seis dias iam lutar...
nem lembravam sequer!) pensaria, talvez,
com dó, e orgulho do poder e da firmeza,
da força e igual beleza de seus corpos... dó
de a máquina jovial desse esplendor quebrar-se,
esmagada, dispersa, esquecida... Mas, só
os via – contra a luz – quais sombras a passar,
coloridas, e mais finas que tênue vidro,
frágeis bolhas de ar mais fracas do que a do mar
fraca luz, que na noite em fósforo se espalha,
perceíveis criações e fantasmas estranhos,
já prestes a morrer para os outros fantasmas
– este, ou aquele, ou eu.

John Mc Crae
NOS CAMPOS DA FLANDRES
(1915)

Nos campos da Flandres
as papoulas estão florescendo entre as cruces
que em fileiras e mais fileiras assinalam
nosso lugar; no céu as cotovias voam
e continuam a cantar heroicamente,
e mal se ouve o seu canto entre os tiros cá embaixo.

Somos os mortos... Ainda há poucos dias, vivos,
ah! nós amávamos, nós éramos amados;
sentíamos a aurora e víamos o poente
a rebrilhar, e agora eis-nos todos deitados
nos campos da Flandres.

Continuai a lutar contra o nosso inimigo;
nossa mão vacilante atira-vos o archote:
mantende-o no alto. Que, se a nossa fé trairdes,
nós, que morremos, não poderemos dormir,
ainda mesmo que floresçam as papoulas
nos campos da Flandres.

Alan Seeger
I HAVE A RENDEZVOUS WITH DEATH
(1916)

Terei uma entrevista com a Morte
em certa barricada em que se lute,
quando com suas sombras murmurantes
de novo a Primavera regressar
e as flores da macieira encherem o ar.
Terei uma entrevista com a Morte,
quando trazer de novo a Primavera
os dias azulados e brilhantes.

Talvez ela me tome pela mão
e me conduza para a escuridão
do seu país, feche meus olhos, corte
minha respiração... Talvez eu passe
ao lado dela silenciosamente.
Terei uma entrevista com a Morte

na escarpa recoberta de feridas
de uma colina destroçada, quando
este ano a Primavera vier chegando
e abrir nos prados as primeiras flores.

Fora melhor estar entre perfumes
e almofadas de seda mergulhado,
onde o Amor vibra em sono deslumbrado,
numa só pulsação, num só respiro,
de que é tão doce o suave despertar...
Mas tenho uma entrevista com a Morte
numa cidade em fogo, à meia-noite,
ao ir-se a Primavera para o Norte;
serei fiel à palavra que empenhei:
jamais a essa entrevista faltarei.

Siegfried Sassoon
RENOVAÇÃO
(1918)

Já esqueceste?
Os eventos do mundo avançaram, ressoantes,
após aqueles longos dias sufocados,
tal como o tráfego detido alguns instantes
nos cruzamentos dos caminhos da cidade;
esse vácuo assombrado em tua alma se encheu
de pensamentos que deslizam como nuvens
no aceso céu da vida, e, posto em liberdade,
és um homem que parte e que recebe o seu
quinhão de tempo em paz e alegria a contento.
Mas o passado é um só: guerra é um jogo sangrento.
Já esqueceste? Baixa os olhos para a terra,

e jura pelos que morreram nesta guerra
que nunca esquecerás.

Lembras os meses, só de treva todos feitos,
no sector de Mametz, que também defendestes,
tuas noites de guarda, e as cercas que construístes,
e as trincheiras que abriste, e ainda os sacos de areia
que empilhaste um por um, cobrindo os parapeitos...
e os ratos, e o odor mau dos corpos, bem na frente
da primeira trincheira, apodrecendo, e a feia,
pálida aurora, e o frio, e a chuva impenitente?...
Nunca te detivestes e jamais inquireste:
“Ainda acontecerá tudo isto novamente?”

Lembras a hora de arruído antes das avançadas,
e a ira, e a cega compaixão que te possuía
diante da palidez das faces condenadas
dos teus homens?... Também, acaso, ainda lembras
— sobre as padiolas escondidas lá por trás —
os olhos a fechar, as cabeças tombadas,
as máscaras sem cor dos rapazes que, um dia,
foram ardentes, bons e cheios de alegria?...
Já esqueceste? Ergue o olhar, e jura pelo verde
da primavera que jamais esquecerás!

Wilfred Owen
MAIS ALTO AMOR
(1918)

Os lábios rubros tão rubros não são
como as pedras beijadas por ingleses mortos.
A doçura do amante e sua amada

ao deles puro amor parece nada.
Amor, teus olhos perdem sedução,
se vejo, em vez dos meus, olhos cegados!

Não treme tua grácil atitude
com o raro tremor dos corpos que, chanfrados
a baioneta, rolam, rolam lá
não se sabe por onde, ao-deus-dará,
até que o seu cruel Amor os paralise
da morte na total decrepitude.

Embora musical como o vento entre os caibros
do sótão, tua voz não canta, amor, tão doce,
tua querida voz não é querida,
nem clara e suave como a deles, não ouvida
já por ninguém agora, quando a terra
a aflita boca lhes tapou e sua tosse.

Nunca foste sensível, generoso
e ardente como os corações engrandecidos
a tiro, coração, e, se essa mão
é pálida, bem mais pálidas são
as que arrastam a tua cruz por entre as balas:
chora, podes chorar, pois não podes tocá-las.

Wilfrid Gibson
AS TECEDERAS
(1941)

Sentada longas horas, em serão,
com os dedos inquietos, sem parar,
tece um capuz de lã para seu filho

para aquecê-lo quando o batalhão
atravessar o mar...

Apenas um capuz de lã! ... e é tudo
o que pode fazer para ele agora
quando o mais está feito; e, enquanto brilham,
à luz, suas agulhas noite em fora,
na parede, detrás dela, uma sombra
tece impiedosamente...

In Abgar Renault, *Poemas ingleses de guerra*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais,